

O PROJETO “CONSTRUINDO UMA ESCOLA ANTIRRACISTA” E SEUS EFEITOS NA FORMAÇÃO E NAS PRÁTICAS CURRICULARES DE PROFESSORAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM UBERLÂNDIA, MG

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior¹
Léa Aureliano de Sousa Machado²

RESUMO

O presente texto tem como analisar as formas como o projeto “Construindo uma escola antirracista” reverberou, na formação, e nas práticas curriculares das professoras que atuavam na Educação Infantil de uma escola pública localizada na cidade de Uberlândia, MG. O projeto foi desenvolvido no período de outubro de 2020 a abril de 2022. O foco do projeto foi a Educação Infantil por ser o momento em que os estudantes ingressam na escola. Como metodologia, optou-se pela abordagem qualitativa e recorreu à História Oral Temática. Foram entrevistadas oito professoras que participaram de todas as etapas do Projeto. Foi possível constatar que o referido projeto, no que tange à maior parte das protagonistas, promoveu reflexões sobre situações de racismo no ambiente escolar e, assim, ampliar seus saberes e remodelar suas práticas curriculares.

Palavras-chave: educação antirracista; formação de professoras; práticas curriculares.

THE PROJECT “BUILDING AN ANTI-RACIST SCHOOL” AND ITS EFFECTS ON THE TRAINING AND CURRICULAR PRACTICES OF TEACHERS AT A PUBLIC SCHOOL IN UBERLÂNDIA, MG

ABSTRACT

This text aims to analyze the ways in which the project “Building an anti-racist school” reverberated in the training and curricular practices of teachers who worked in Early Childhood Education from a public school located in the city of Uberlândia, MG. The project was developed from October 2020 to April 2022. The focus of the project was Early Childhood Education as it is the time when students enter school. As a methodology, we opted for a qualitative approach and used Thematic Oral History. Eight teachers who participated in all stages of the Project were interviewed. It was possible to verify that the aforementioned project, with regard to most of the protagonists, promoted reflections on situations of racism in the school environment and thus expanded their knowledge and remodeled their curricular practices.

Keywords: anti-racist education; teacher training; curricular practices.

Submetido em: 10/1/2024

Aceito em: 23/6/2024

Publicado em: 15/8/2024

¹ Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. Uberlândia/MG, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-8983-4471>

² Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Escola da Educação Básica – ESEBA. Uberlândia/MG, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-1005-3328>

INTRODUÇÃO

De acordo com Silva (2010), o currículo é documento de identidade. Nesse sentido, trabalhar com as Leis nºs 10.639/2003 e 11.645/2008, desde a educação infantil, pode contribuir para uma formação antirracista. Nessa perspectiva curricular, podemos contribuir para uma educação que rompa com a hegemonia dominante, assentada nos princípios coloniais que invisibilizam as minorias.

Nesta lógica, Santos (2018) traz ao debate a relevância da escola como espaço profícuo para vivências e conexões diversas que favoreçam a promoção de uma educação antirracista e o desenvolvimento das identidades discentes a partir da história e cultura de seus povos. Por este ponto de vista, o papel da escola é fundamental para a otimização de um currículo que propicie as condições adequadas para o exercício de uma educação que preze pela história e pela cultura de seus discentes para que, por meio desse protagonismo, seja oportunizada a transformação da vida de tantos sujeitos.

Entendemos que o espaço da escola é lugar de questionamentos, descobertas, análises e do protagonismo discente. É um espaço multicultural em que se faz necessário um diálogo horizontal entre as diferentes culturas. Nos limites desse artigo, temos como objetivo de identificar as formas como o projeto *Construindo uma escola antirracista: ingresso e permanência de cotistas na educação básica* reverberou, na formação e nas práticas curriculares das professoras que atuavam na Educação Infantil de uma escola pública localizada na cidade de Uberlândia, MG.

O texto está organizado em três partes. Na primeira, registramos a perspectiva metodológica da pesquisa. Na segunda, apresentamos o Projeto desenvolvido. Na terceira, evidenciamos, por meio das narrativas das participantes, os efeitos do Curso na formação e nas práticas curriculares das docentes. Por fim, tecemos algumas considerações.

A PERSPECTIVA METODOLÓGICA

No desenvolvimento da pesquisa, recorreremos à abordagem qualitativa, por compreendermos que ela contribui para que se alcancem os objetivos propostos na investigação, consistindo em analisar as marcas da implementação de uma educação antirracista na formação, nos saberes e práticas das professoras da Educação Infantil de escola da rede pública da cidade de Uberlândia, MG, Brasil.

De acordo com González Rey (2002), a Epistemologia Qualitativa apresenta princípios que abarcam a singularidade da pesquisa e trazem a importância do estudo de caso, a atuação do pesquisador como sujeito e autor do processo de pesquisa, bem como o caráter construtivo-interpretativo, na dimensão de que não existe um dado a ser coletado, mas a produção de informações a serem construídas no campo da pesquisa. Para o autor,

A epistemologia qualitativa é um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em Psicologia [e em outras áreas de conhecimento humano e social.] que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica que representa a subjetividade (González Rey, 2002, p. 29).

A pesquisa qualitativa concebe a realidade como algo em constante mutação e tenta aproveitar essa realidade para melhor compreendê-la. Esta abordagem apresenta-se como possibilidade profícua de dialogar com dados que envolvem sentidos e significados subjetivos próprios dos fenômenos educativos.

Considerando o arcabouço teórico-metodológico adotado, a pesquisa foi organizada em etapas que se inter-relacionam. A primeira diz respeito à pesquisa bibliográfica sobre a produção científica, legislação e outros documentos que versam sobre a temática em investigação, com vistas a aprofundar o conhecimento no campo científico.

Recorremos também à história oral, com ênfase no diálogo e na proposição efetiva do papel ativo das participantes na construção das informações da pesquisa, de maneira a compreender como o projeto desenvolvido auxiliou na prática pedagógica das protagonistas envolvidas na pesquisa. Esse instrumento foi eleito em função da potencialidade que apresenta para a pesquisa em Educação, uma vez que por meio da história oral é possível obter do participante um relato legítimo no momento da pesquisa.

Foram entrevistadas oito professoras que atuavam na Educação Infantil. O critério de escolha das participantes é que tivessem participado do desenvolvimento do Projeto *Construindo uma Escola Antirracista*.

As entrevistas foram realizadas em plataforma on-line conforme os horários disponíveis das docentes. Para esta função, foi eleita a plataforma Microsoft Teams, por ser a plataforma que todas as docentes têm acesso e já estão familiarizadas. As entrevistas seguiram um roteiro que versava sobre a trajetória dessas professoras na carreira docente, a avaliação sobre o Projeto desenvolvido, os saberes incorporados/as práticas. Buscamos, por meio do diálogo, auscultar as minúcias que perpassam o cotidiano da escola durante a realização do Projeto. Segundo Portelli (2010, p. 20), “A ‘entre/vista’, afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo”.

O autor traz as inúmeras dimensões que a dinâmica da história oral proporciona, trazendo à tona uma multiplicidade de informações, uma riqueza que vem acompanhada da subjetividade do sujeito e, desta forma, exige do pesquisador muita habilidade para extrair as informações de maneira eficaz e que realmente seja condizente com o conhecimento do entrevistado. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Nesta etapa, todo o diálogo ocorrido é “passado para o papel”, tanto a fala do entrevistado, quanto a do entrevistador, cujo objetivo é de resguardar ao máximo o pensamento do entrevistado e, por último, a partir da transcrição da entrevista, foi realizada a textualização.

A partir da textualização finalizada, as narrativas foram enviadas para as entrevistadas para sinalizarem se o texto cumpre a função a que se propôs, e só então foi utilizado como material para a pesquisa, após o consentimento das entrevistadas e assinado o documento de anuência da utilização das informações para a pesquisa.

Concordamos com Cunha (1997), uma vez que defende as narrativas como instrumental educativo, tanto na pesquisa como no ensino. Segundo o autor, recupera-se

o sentido das narrativas e parte-se do pressuposto de que trabalhar com elas, na pesquisa e/ou no ensino, é partir para construção/desconstrução das experiências do professor. Ele também defende a ideia de que as narrativas provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros e, por este motivo, são também importantes estratégias formadoras de consciência em uma perspectiva emancipadora. Cunha (1997) explora a dupla vertente de possibilidades no campo: a investigação da narrativa usada no ensino e na pesquisa que usa a narrativa.

Outro recurso que muito contribuiu para a pesquisa foi o acesso aos registros feitos no chat das formações que ocorreram por meio do YouTube. Estes registros possibilitaram um panorama mais ampliado sobre as pessoas que participaram das lives. Cabe salientar que em virtude da pandemia da COVID-19, as atividades foram realizadas remotamente no formato de lives. Neste sentido, foi possível esclarecer dúvidas, bem como preencher algumas questões sobre a temática. Em tempo, pontuamos que a oportunidade de dialogar com pesquisadores/as da temática étnico-racial foi algo inédito para a maioria dos/as participantes que sinalizaram o aproveitamento nos momentos das formações.

O PROJETO DESENVOLVIDO

A pesquisa foi desenvolvida em escola pública localizada na cidade de Uberlândia, MG. No de 2020, iniciou a implementação do projeto *Construindo uma escola antirracista: ingresso e permanência de cotistas na educação básica*. A proposta inicial tinha o objetivo de desenvolver as atividades presencialmente, porém, devido à pandemia da COVID-19, teve de ser adaptado no formato remoto.

O público-alvo foi a Educação Infantil, pois, essa é a etapa em que ocorre o acesso dos/as estudantes à escola. Partimos do princípio de que a criança é um ser social que pensa e interfere na sua realidade; logo, aprende no contexto das relações sociais. Nesse sentido, a Educação Infantil é uma modalidade/etapa de ensino cujas instituições educacionais, para além do “cuidar”, devem primar pelo “educar”.

Nesse processo de cuidar e educar, consideramos essencial que o currículo aborde as questões étnico-raciais, acreditamos que, dessa forma, pode contribuir na formação de uma sociedade antirracista. Concordamos com Kilomba (2019) ao afirmar que o racismo está presente no cotidiano de nossa sociedade. A autora ressalta que o racismo é uma realidade violenta: “De modo tendencioso, o racismo é visto apenas como uma ‘coisa’ externa, uma ‘coisa’ do passado, algo localizado nas margens e não no centro da política europeia” Kilomba (2019) registra o déficit teórico sobre o racismo, sendo que, por um lado, enfatiza a pouca importância que tem sido dada ao fenômeno do racismo e, por outro lado, revela o desrespeito em relação àqueles que o experienciam.

A partir dessas considerações, salientamos o potencial do Projeto *Construindo uma escola antirracista* na formação de uma sociedade antirracista. O Projeto teve várias frentes de atuação, contando com ações de intervenção com os/as estudantes da escola, a formação para os docentes, rodas de conversas com as famílias e a instituição do grupo de estudos Interseccionalidades, Saberes e Práticas na Educação Básica (INSPRE).

Em dezembro de 2020, foi realizada a primeira intervenção com a formadora Mafuane Oliveira, que apresentou uma *Roda de Histórias e Diálogo*. Na live, a arte educadora narrou a história de Kalimba ou Mbira, uma lenda africana do Zimbábwe. Mafuane se apresentou, contando a história de seu nome por considerar que isso diz sobre sua identidade; fez também uma menção às pessoas que vieram transportados por meio de violência de sua terra de origem, perderam o direito de usar seus nomes e foram obrigadas a adotar uma nova cultura, fazendo referência às pessoas de origem africana que foram escravizadas, vítimas da diáspora africana. No diálogo com as crianças, questionou o significado do nome delas/as e as incentivou buscar mais informações, com as professoras, sobre a origem de seus nomes e sobre o continente africano.

Foi promovida uma Roda de Conversa com as famílias da Educação Infantil, com foco na percepção deste público sobre a atividade, bem como apresentação sobre o projeto. O convite foi para todas as famílias de estudantes, porém apenas familiares de estudantes, que entraram na escola por meio das cotas étnico-raciais e socioeconômica, aceitaram o convite e participaram. Para introdução à temática, foi apresentado o livro infantil “Benedito”, do autor Josias Marinho, por meio de um vídeo.

O autor narra a história um bebê e sua curiosidade sobre um tambor. No início, ele aparece sem cor e à medida que vai explorando o objeto, seu formato e sua sonoridade, ele cresce, amplia seu conhecimento, sua tonalidade de pele fica mais evidente e vai contagiando todas as pessoas no seu entorno. A história passa a mensagem da importância da cultura africana para a consolidação de sua identidade, de se reconhecer enquanto indivíduo no mundo e, com isso, a construção de novos saberes e estabelecimento de relações.

Todos os participantes estavam com as câmeras ligadas e em momentos alternados iam fazendo suas pontuações. A relevância do trabalho com a temática étnico-racial na escola foi abordada pelas famílias, acompanhada de relatos sobre situações de racismo sofrida pelos pais e o sentimento de impotência. Os familiares também pontuaram sobre a dificuldade que alguns tinham em conversar com seus filhos e suas filhas sobre o ser negro/a e situações que configuram racismo, especialmente em função da idade de suas crianças.

É importante salientar que a discussão e o enfrentamento ao racismo, por vezes, camuflam ou se sobrepõem a outras formas de opressão oriundas para além da raça ou origem étnica; também incidem o gênero e as questões de classe, Kimberlé Crenshaw (2002) define tais questões como interseccionalidade. É o caso, por exemplo, de mulheres negras e pobres, que sofrem com a discriminação de gênero por serem mulheres, de raça por serem negras e de classe por serem pobres. Assim, estas mulheres estão sujeitas a opressão de maneiras diferentes da forma como recai sobre mulheres brancas ou sobre homens negros. A autora ainda pondera sobre as ações e as políticas que ainda hoje assumem um papel de fortalecer e legitimar o desempoderamento desses sujeitos, aumentando o abismo de desigualdades e violências na sociedade atual. Neste sentido, a interseccionalidade foi contemplada nas discussões do grupo por meio do texto “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”, de Kimberlé Crenshaw (2002).

No grupo de estudos com as professoras foi trabalhado o poema Olhos d’água, da escritora Conceição Evaristo, no qual narra situações de violência e pobreza vivenciadas pela população negra, retratando mulheres de diferentes idades que vivenciam situações de opressão no ambiente urbano. Foi trabalhado parte da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Franz Fanon, a obra de Spivak (2010), *Pode o subalterno falar?*, obra que discute o lugar de subalternidade ocupado pela mulher, que não pode falar e se expressar, e quando fala não consegue ser ouvida. Outros dois textos que enriqueceram as discussões foram *Teorias Raciais*, da antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (2018), no livro organizado por ela e por Flávio Gomes *Dicionário da Escravidão e Liberdade*, que faz uma discussão ampliada sobre o conceito de raça dialogando com Kwame Appiah (1997), por meio de seu texto *Ilusões de raça*, que integra o livro *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Appiah faz o debate sobre o equívoco do conceito de raça que tem a biologia como direcionamento e argumenta no sentido de desmistificar esta construção.

Outra atividade desenvolvida ao longo do Projeto foi ministrada por Flaviane Malaquias, a oficina intitulada *Pintando as Cores da Gente* foi realizada em dois encontros. No primeiro momento, a professora apresentou um vídeo que mostrava a diversidade de tonalidades de pele e outras características fenotípicas, como a cor e textura de cabelo, tamanho e formato de nariz e boca. Levantou que essas características podem ser parecidas ou não com as das crianças da turma e que uma maneira de representar um indivíduo seria observando e escolhendo uma tonalidade de cor que se aproxime de sua tonalidade de pele.

Brincando de dançar com a mãe África foi a terceira intervenção com as/os estudantes e a convidada para ministrar a oficina foi Milena Sampaio, afroarteducadora e mestranda em dança na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Para a oficina, a professora solicitou alguns materiais para a realização desse momento, como bolinhas de papel, fita adesiva ou cabo de vassoura, para marcar o chão, um pedaço de tecido que poderia ser um retalho, um lenço ou um pano de prato e, por último, uma bexiga ou um balão. A participação das crianças foi intensa, elas seguiram as orientações da professora para executar os movimentos de dança de maneira solta e fazendo uso dos materiais solicitados; aos poucos as crianças e as famílias compreenderam como a linguagem artística aproxima as pessoas, mesmo com a barreira da tela.

O músico Jack Will ficou com o desafio de ministrar a quarta oficina, que recebeu o nome de *Brincadeira Percussiva*. Foi solicitado que as crianças levassem materiais que produzissem diferentes sons, como pratos, tampas de panelas, latas de leite em pó, colheres e outros objetos. As turmas se envolveram e participaram ativamente, perguntando e querendo mostrar seus instrumentos ao músico e foram aos poucos descobrindo os sons que cada objeto produzia.

Outra atividade realizada, ainda em 2021, foi a palestra da professora Eliane dos Santos Cavalleiro, autora da obra *Do silêncio do lar ao silêncio do escolar*, que faz a discussão de racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. Houve participação da comunidade interna e externa da escola. O evento foi prestigiado também por profissionais de outras redes, tanto da educação quanto de outras áreas, bem como pessoas interessadas na temática do racismo, que puderam participar da

formação intitulada *Socialização e pertencimento racial na Educação Infantil*. As/Os participantes ressaltaram que trabalhar a temática étnico-racial desde a mais tenra infância favorece uma formação mais humana e levantaram a situação dos livros didáticos que começaram a apresentar as pessoas negras como protagonistas.

Outra formação voltada para a área de professoras da Educação Infantil e estudantes da graduação que faziam estágio nas turmas da educação teve a participação do Professor João Gabriel Nascimento Nganga, que proferiu a palestra *Educação antirracista: conceitos e práticas*. O professor deu início a formação solicitando que cada participante se apresentasse respondendo à pergunta “Quem eu sou?”. Logo depois, João Gabriel se apresentou, trazendo na sua apresentação um pouco da sua ancestralidade, sinalizando que esta contribuiu para que ele hoje fosse a pessoa que ele é, e frisou como na cultura africana a ancestralidade é relevante.

A formação teve sequência com o debate sobre os conceitos de raça, etnia, racismo, bullying, preconceito, discriminação e branquitude. Salientamos que a interlocução sobre os temas anteriores são de fundamental importância para o debate sobre o enfrentamento ao racismo e a materialização de ações antirracistas.

Em relação ao conceito de raça abordado pelo professor, é possível, de forma crítica, relacionarmos com Quijano (2005), ao afirmar que o conceito de raça foi produto mental e social específico do momento da conquista da América. Para isto, retomamos o período colonial, ou seja, momento em que os europeus chegaram ao continente americano. A partir desse contexto, se estabeleceu uma nova ordem, um novo padrão de poder, e emergiu como um modo de naturalização das novas relações de poder impostas aos sobreviventes desse mundo em destruição a ideia de que os dominados são o que são, não como vítimas de um conflito de poder, mas enquanto inferiores em sua natureza material e, por isso, em sua capacidade de produção histórico-cultural.

Com o novo padrão de poder emergir todo um novo sistema de dominação social. Especificamente, o controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e de seus respectivos recursos e produtos, de agora em diante não estará só associado a, mas dependerá, antes de tudo, da classificação racial, já que o lugar, os papéis e as condutas nas relações sociais, além das imagens, estereótipos e símbolos com relação a cada indivíduo ou a cada grupo, em cada um daqueles âmbitos de existência social, estarão, daí em diante, incluídos ou vinculados ao lugar de cada um na classificação racial.

Para continuar o debate, o palestrante fez um paralelo entre raça e etnia, ratificando que estes conceitos não são sinônimos, ainda que muitos se sirvam deles como se tivessem o mesmo sentido. Conquanto, independente da palavra proferida, o mecanismo de subordinação e racismo persiste. Neves (2008, p. 22) discorre sobre o conceito de etnia: “É um conjunto de indivíduos com certas características em comum: mitos, ancestrais, língua, religião, modos de vida e destinos, podendo ou não morar em um mesmo território geográfico”.

As participantes fizeram várias observações e foram instigadas ao debate com o professor, que foi esclarecendo dúvidas e algumas falas das docentes se tornaram feedbacks positivos no sentido de evidenciar que elas estavam se apropriando de conceitos apresentados por ele. O vocabulário que carrega a história de um racismo que vem desde a colonização e se presentifica por meio de palavras também ocupou o debate.

Neste ponto, o palestrante trouxe também a discussão sobre algumas palavras utilizadas com “naturalidade”, que têm por trás toda uma história que reforça o racismo no dia a dia e fortalece a estrutura social que coloca a pessoa negra em posição de subalternidade. Essas temáticas continuaram a motivar as participantes a dialogarem sobre o assunto e em suas entrevistas foi possível identificar o desejo de avançar e de materializar esta educação no currículo da área e nas ações cotidianas.

Assim, o último ponto a ser abordado foi referente às práticas antirracistas; o professor João Gabriel apontou alguns possíveis caminhos para o diálogo com as crianças, fazendo uso de uma linguagem acessível a elas e que pode instigá-las ao debate. O professor apresentou sugestões, como o trabalho com vocabulário, as palavras de origem africana, a história por detrás dessas palavras e histórias animadas que abordam de forma positiva a história e cultura afro-brasileira; além disso, sugeriu que fossem compartilhadas com as crianças opções de materiais sobre a cultura, histórias, mitos e tradições afro-brasileiras.

Outra formação pedagógica que contemplou docentes e comunidade foi o evento denominado *1 Encontro Construindo uma Escola Antirracista: diálogo e práticas* que contou com o professor, pesquisador Kabengele Munanga. O professor afirmou que “[...] a escola realmente está no caminho de uma educação antirracista, mas não é algo automático, é um processo [...], ainda não é momento de cantar vitória.

O professor Kabengele continuou sua fala com uma reflexão sobre o racismo e como ele está estruturado na sociedade: “[...] o racismo está na estrutura da sociedade que o pratica, ou seja, ele está no tecido social. Por isso mesmo fica difícil destruí-lo simplesmente pela consciência e pelo discurso antirracista, sem mudar a estrutura que abriga esse fenômeno”. (Munanga, 2021)

Assim dizendo, é essencial o combate ao racismo, conquanto há que se compreender que, para além do discurso, é preciso mudar a estrutura, com a desarticulação do sistema racista, sendo que a educação é uma poderosa aliada. Tratando-se de educação, é imprescindível expor que fazemos referência a uma nos moldes que considere o respeito, o protagonismo do estudante, o multiculturalismo e a apresentação dos povos originários de maneira positiva, ressaltando personagens de nossa história e suas contribuições para a constituição do país.

Em sua explanação, o professor Kabengele ainda mencionou o racismo como um “crime perfeito”: “O racismo no Brasil é um crime perfeito, pois como um carrasco ele mata duas vezes, a primeira pelo silêncio, mata ao mesmo tempo a consciência das vítimas e das pessoas discriminadoras” (Munanga, 2021).

Na sequência do evento, foi apresentado outro momento cultural, o teatro *O pequeno herói preto*, encenado pelo artista Junior Dantas. Esta apresentação trouxe uma imagem positiva do negro, potencializando suas batalhas diárias que o transformam realmente em um herói na sociedade de hoje.

Em abril de 2022, a pandemia apresentava índices menores e a escola voltava após quase dois anos com as aulas remotas; assim, foi possível realizar a última intervenção no formato presencial. Nesse período, já se encontravam na escola os materiais que foram solicitados pelos diferentes componentes curriculares e adquiridos com recursos

do projeto, como livros infantis com personagens negros/as, obras de autores e autoras negros/as para diversas idades e também livros para o estudo sobre a temática étnico-racial. Além dos livros, foram solicitados: patangomas, que são instrumentos utilizados na congada; capulanas; bonecas e bonecos pretos, pardos e indígenas, e que representassem as diversas deficiências existentes; lápis de cor e giz de tons de pele; e pandeiros – todo este material compôs o acervo antirracista da escola. Este acervo ficou exposto durante uma semana que acabou se desdobrando em duas para possibilitar a apreciação de toda a comunidade escolar.

As atividades de intervenção com os/as estudantes proporcionaram às crianças um contato com a história e cultura afro-brasileira, bem como com elementos que remetem a este contexto cultural. Além disso, viabilizaram às docentes vivenciarem com as crianças estes momentos desafiantes do “como?”, da didática, da seleção e utilização dos materiais para as aulas. Esse alinhavo apresenta um panorama sobre a viabilidade de se colocar em prática a Lei nº 10.639/2003 e ampliar o escopo contemplando de forma mais abrangente também a Lei nº 11.645, de 2008, uma vez que com os materiais do acervo representavam tanto a cultura afro-brasileira quanto a indígena.

Na finalização do Projeto, que contou com a participação de todas/os estudantes e professores foi realizado o evento intitulado *Anansi* (Semana Preta). A escolha do nome “Anansi” não foi aleatória: o termo faz referência a uma mitologia africana na qual Anansi é uma aranha, sendo que na tecitura de suas teias são conectados saberes, pessoas e culturas; e isto é o que o evento propõe.

A Semana Preta aconteceu na escola no período de 25 a 30 de abril, com uma programação que envolvia as turmas da manhã, tarde e noite. A semana foi iniciada com a atividade cultural “Discotesamba”, com o Dj Hudz, no momento dos recreios da manhã e tarde. Neste mesmo dia, aconteceu a intervenção pedagógica com a professora Cleia Rodrigues Evangelista em duas turmas de primeiro período e uma de segundo período. Cada turma participou em sua própria sala com o apoio de suas professoras, além da oficina.

Já as oficinas de formação docente foram organizadas em grandes áreas, tais como Humanidades e Educação Antirracista com o formador professor Dr. Rosemberg Ferracini (Geografia/UFTM, na terça-feira, 26/04, no turno da tarde); concomitantemente foram oferecidas as oficinas *Linguagens e Educação Antirracista*, com a professora Dra. Cíntia Camargo Vianna (ILEEL/UFU), a oficina *Ciências da Natureza e Educação Antirracista*, com professor Dr. Guimes Rodrigues Filho (IQ/UFU), e *Matemática e Educação Antirracista* com a professora Dra. Cristiane Coope (FACIP/UFU). Cada professor/a teve oportunidade de participar das oficinas segundo suas áreas de atuação na perspectiva de ampliar as possibilidades de se trabalhar a temática étnico-racial nas diversas áreas de conhecimento.

Na quarta-feira, 27/04, contamos com a oficina *A arte de Narrar Histórias Pretas*, com a arte educadora Giselda Perê, para as professoras da Educação Infantil; na área de alfabetização, as professoras e o professor da área participaram da formação *Etnomatemática na Alfabetização infantil*, com a professora Maria da Conceição dos Santos França, ocorridas no turno da manhã; e no momento dos recreios da manhã e tarde, houve mais uma atividade cultural com Jack Will, *Brincadeira Percussiva*. Neste mesmo

dia, no período da tarde, houve mais duas turmas que participaram das intervenções com a professora Cleia Rodrigues, concluindo, assim, as intervenções com os estudantes programadas durante o projeto.

Na quinta-feira, 28/04, a comunidade escolar desfrutou de mais momentos culturais, dessa vez com o núcleo de dança Priscilla Prates, no intervalo da tarde. No turno da noite, houve uma apresentação virtual do acervo antirracista e apresentação musical com Jack Will para as turmas de 8º e 9º ano da EJA; esta atividade foi alinhada com a disciplina de História.

Em 29/04, sexta-feira, a apresentação cultural no período da manhã foi com o Terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário: Trançando Fitas e Vidas; esta apresentação aconteceu na quadra esportiva da escola. O encerramento do projeto ocorreu no dia 30 de abril de 2022, um sábado letivo, no qual aconteceram várias atividades para contemplar a comunidade interna e externa da escola, entre estes profissionais da rede municipal, pesquisadores da temática, professores e estudantes da graduação e inclusive pessoas fora de Uberlândia, uma vez que o evento foi remoto.

A mesa de encerramento, *Branquitude e Educação Escolar*, contou com a presença virtual da professora Dra. Lia Vainer Schucman que atua na Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Cidinha da Silva, do Instituto Kuanza. A mesa contou com a mediação da professora Drª Rita Silvana Santana dos Santos, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB) e também supervisora do projeto *Construindo uma escola antirracista: ingresso e permanência de cotistas na educação básica*.

Com a realização do evento um dos resultados foi inserir no PPP da escola as dimensões almejadas para o estudante a educação básica:

- a. respeitar e valorizar a pluralidade cultural e linguística, o que inclui as questões da inclusão social, étnico-raciais e seus princípios éticos e políticos no contexto do desenvolvimento de uma sociedade democrática;
- b. refletir criticamente, a partir de princípios de uma filosofia inclusiva e colaborativa que pode ser traduzida no respeito durante a convivência, solidariedade e cooperação;
- c. mediar eticamente seus interesses individuais com os coletivos em situações que exijam a definição de valores morais, éticos e estéticos para a resolução de problemas sociais (PPP da escola, 2019, p. 109).

As dimensões almejadas reforçam a ideia de que somente com uma educação descolonizada podem potencializar a formação de sujeitos que façam a diferença na sociedade por meio de suas ideias, suas atitudes e sua arte. Na continuação do artigo, nos deteremos nas narrativas das docentes que revelam os efeitos do Projeto na sua formação e nas suas práticas.

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO NA FORMAÇÃO E NAS PRÁTICAS CURRICULARES

O Projeto *Construindo uma escola antirracista* auxiliou na formação das docentes, contribuindo na desconstrução de questões que passa pela linguagem:

[...] por exemplo, expressões que são racistas que estão na nossa linguagem todos os dias, mas que são expressões que têm um fundamento histórico, que se eu não tivesse tido a oportunidade da formação antirracista racista, eu não teria tido contato com esses estudos. Expressões como: Segunda-feira, preto na folhinha. Criado mudo, dentre outras (Aqualtune, 2022).

Primeiro que pensamos que não somos racistas. Eu não sou, mas com a formação percebi que eu usava terminologias. Eu lembro que eu falava muito “inhaca”, “Inhaca, isso aqui não deu certo!”, costumes vindos da minha família, palavras e então você vai entendendo e diz: “Meu Deus!”, “Denegrir”. Algumas coisas são mais comuns, a gente entende, outras não. Nem falava por maldade, nem entendia que o “denegrir” tinha relação. Mas então, vamos estudando e vendo a importância de não repetir essas palavras (Antonietta de Barros, 2022).

Os relatos das professoras revelam os tentáculos do racismo entremeados no vocabulário, naturalizados e que, em alguns casos, vêm de costumes que passam de uma geração para outra, sem se dar conta dos danos que estas ideias propagadas por algumas palavras podem causar. Palavras que trazem em sua origem histórica conotações e situações de racismo que foram corporificadas em palavras. Kilomba (2019) ressalta que a língua portuguesa revela uma profunda falta de reflexão e teorização da história e herança colonial e patriarcal.

A formação com o professor Dr. João Gabriel do Nascimento Nganga, trouxe ao debate a educação antirracista pelo viés dos conceitos e das práticas, em particular sobre a linguagem, levando a entender que a língua é branca. Este caminho possibilitou a discussão sobre o raça, etnia, racismo, preconceito, discriminação e branquitude. Para além destes temas, levantou-se o conceito de “Democracia Racial: mito ou verdade”, com questionamentos e discussões para ensejar maior abrangência sobre a temática, uma vez que ideias equivocadas como a da “Democracia Racial no Brasil” resultam em um desfavor para os avanços das questões étnico-raciais. A partir dessas reflexões, o formador avançou para perspectivas na “Construção de práticas antirracistas”.

Me lembro da fala da Neli, dizendo que percebeu da foto de crianças, que não havia crianças negras. Eu pensei... Gente, que olhar foi esse? Que nós não tínhamos nem pensado nesse olhar. Não tinha! Parece que era no automático. Era natural. Então veio o projeto tirando as naturalidades da gente (Dandara, 2022).

A narrativa da professora Dandara evidencia como a ausência de pessoas negras foi naturalizada no espaço da escola, a ponto de nem ser perceptível esta ausência. Mesmo a escola contando com mais de oitenta docentes, além da direção e das pessoas que exercem funções técnicas, ninguém questionava esta situação, uma vez que esta situação, aos olhos destas pessoas, nem aparecia. A professora ainda pontua sobre a importância de se trabalhar esta temática na instituição, trazendo uma perspectiva até então ignorada, no sentido do desconhecimento, conforme sua fala:

[...] com esse projeto pude perceber o quanto foi importante para termos um olhar não de vícios. Que às vezes não percebíamos como quem está mais a par, como quem está vivendo e que trouxeram esses estudos para nós, que serve tanto para nossa vida mesmo, para nossas vivências na sala e extra sala de aula para nós podermos desenvolver com os nossos alunos (Dandara, 2022).

Por meio da narrativa de Dandara, podemos inferir a necessidade cotidiana de problematizar a historicidade de situações que forma normalizadas. Ao retomar Silva (2010), normalizar significa eleger arbitrariamente uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Consiste em atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma pejorativa. Dessa forma, a identidade normal é “natural”, desejável, única, não é uma identidade, mas a identidade. O Projeto possibilitou a Dandara a problematizar essas questões.

Para Carolina Maria de Jesus, o projeto permitiu reflexões acerca da teoria e prática. Registramos suas considerações:

[...] o projeto Construindo uma escola antirracista teve uma grande contribuição para a minha formação [...] é uma grande oportunidade de efetivar esse olhar assim na prática, porque quase tudo que aprendemos na teoria não se solidifica se não tivermos a prática. [...] principalmente de algumas leis que sabemos que tem, mas, ao vermos na prática mesmo é que conseguimos perceber realmente o funcionamento (Carolina Maria de Jesus, 2022).

Reforçamos que, entre as formações oferecidas às docentes, contamos com a presença do antropólogo Kabengele Munanga, que abordou sobre o “Mito da Democracia Racial” na formação intitulada *Do mito da democracia racial ao antirracismo na escola*. Kabengele Munanga (2021) afirmou que no Brasil “O racismo é um crime perfeito”. A assertiva de Munanga é feita em função da constante afirmação de alguns que insistem em dizer que não há racismo no Brasil. Frente às ponderações de Munanga sobre o racismo e os caminhos para o antirracismo na escola, a formação despontou como uma via profícua. Dessa forma, voltamos a conectar com a construção de práticas antirracistas propostas pelo professor.

As reflexões do professor instigou a problematizar a linguagem e trabalhar com as crianças formas de construir uma representatividade positiva. A professora Antonieta de Barros avançou no sentido de perceber que a prática docente tem rebatimentos diretos na vida escolar das crianças. Chama a atenção para a “representatividade”, isto é, possibilitar situações nas quais a criança se veja representada em uma brincadeira, em um brinquedo, em uma fala positiva, em um desenho, em um lápis de cor, enfim, na utilização das mais diversas formas de linguagem que compõem a ação do/a professor/a.

Nesse sentido, vale destacar, como registramos no tópico anterior, que o Projeto adquiriu diferentes materiais com a intenção de divulgar elementos da cultura afro-brasileira, como instrumentos musicais e bonecas de pano que apresentam uma multiplicidade de características de cor da pele, cores e texturas de cabelo, da mesma forma que as inúmeras deficiências, como física e intelectual, que existem na sociedade e também na escola pesquisada. Ao longo da “Semana Preta”, o acervo antirracista adquirido por meio do Projeto *Construindo uma Escola antirracista* ficou em exposição.

Tratando-se de Educação Infantil, os educadores enxergam no faz de conta e nas histórias infantis uma estratégia eficaz enquanto elemento indutor de inúmeros assuntos/conteúdos, uma vez que estabelecem uma maior conexão com as crianças e facilita sua compreensão. O universo das histórias também foi abordado por Antônia de Barros com a constatação de que nessas histórias os personagens brancos predominam

e sempre com características desejáveis socialmente por todos/as, visto que segue o padrão da sociedade.

A opção por livros com personagens negros até pouco tempo atrás era nula, uma vez que as professoras, mesmo com estudos avançados em inúmeras temáticas relacionadas à esfera infantil, ainda não haviam direcionado seu olhar para as questões étnico-raciais. A situação da criança preta ou parda passava despercebida, e às violências sofridas por elas era dado outro nome: era implicância de criança e, nos casos mais graves, bullying, mas nunca racismo. Outro ponto é que a quantidade de estudantes negros era tão pequena que seu sofrimento ficava invisibilizado no cotidiano escolar.

Sob este ponto de vista, evidenciamos a importância da formação antirracista continuada. Ações bem conduzidas tem rebatimentos que ultrapassam o alcance do olhar, abrangendo, para além da criança, seus familiares e todos no entorno. Acreditamos que, ao formar o/a docente em uma perspectiva antirracista, ela/e consegue dialogar com as crianças sobre os elementos que perpassam sua história e a de seus antepassados. As formações têm abordado esta outra via de trabalho com a apresentação de obras literárias com muita qualidade e com uma abordagem bem voltada à criança pequena.

Disponibilizar aos alunos e alunas da escola e a comunidade um repertório de obras literárias com personagens negros e ainda poder contar com livros escritos por autores negros e não negros é um importante passo rumo a construção de uma escola mais diversa. A criança tem a chance de aumentar seu acervo de referências literárias com vistas a conhecer outras palavras, expressões e culturas diversas, favorecendo seu desenvolvimento de maneira mais ampliada.

A docente Maria Carolina de Jesus afirmou que o projeto contribuiu muito para sua formação, ela conseguiu alinhar teoria e prática. A professora, em sua narrativa, ratificou como a formação pode auxiliá-la na construção de uma prática antirracista pautada nas teorias que subsidiam suas ações e contribuem para esse movimento cíclico de ressignificar cotidianamente a sua prática.

Esperança Garcia também sinaliza as marcas que o projeto efetivou em sua identidade enquanto docente, ela abordou uma perspectiva que enxerga nas formações um caminho para alcançar um ideal de escola na qual as crianças se reconhecem e se sentem contempladas nos conteúdos e estratégias desenvolvidas em sala de aula e em seu entorno percebem que não são um corpo estranho no ambiente escolar, uma vez que este ambiente também viabiliza a presença de outras crianças negras. Essa questão, para além da representatividade, abarca concomitantemente questões interpessoais e emocionais, entendendo que o racismo é uma violência que por vezes não permite a vítima se defender, especialmente se for uma criança.

É uma violência que acontece sem que o entorno perceba ou compreenda como racismo. Sobre essa forma silenciosa, o antropólogo Kabengele Munanga discorreu no capítulo intitulado *As facetas de um racismo silenciado* que compõe o livro *Raça e Identidade*, que data de 1996:

Estamos num país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O

silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo, são alguns aspectos dessa ideologia. O racismo brasileiro na sua estratégia age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente em seus objetivos (Munanga, 1996, p. 214-215).

O antropólogo denuncia o quanto o racismo brasileiro é nocivo aos negros e negras e a sociedade como um todo, uma vez que, sendo velado, não enseja o enfrentamento e corrobora para a falsa ideia de democracia racial. Pontuamos que esta ideia ocupa o imaginário de inúmeras pessoas e, trazendo para a realidade da escola, o projeto trouxe uma discussão qualificada que assinalou vários aspectos do racismo que eram invisibilizados pela comunidade e ratificou em cada formação a sua relevância que se presentifica nas narrativas das professoras: “O projeto, eu creio que foi um divisor de águas na história da formação das formações. Foi muito importante, muito importante mesmo!” (Esperança Garcia, 2022).

A professora Antonieta de Barros, por intermédio das práticas de outra colega de área, somou aos seus saberes e constituiu um acervo maior de estratégias para aproveitar o que a escola conseguiu a partir do Projeto. Ressaltamos que este olhar voltado para as questões étnico-raciais coloca em pauta na sala de aula situações antes invisibilizadas.

A partir do projeto, as professoras potencializaram suas práticas, refletiram sobre o currículo e começaram a explorar as obras do acervo antirracista e a incorporá-las a suas práticas:

“A Chapeuzinho Vermelho e o leão faminto”, é tipo uma versão. [...] porque é o leão e não o lobo, porque a história se passa na África, então, e tem uma coisa da trancinha, ela faz trancinha. Muitas crianças minhas vão com trancinhas. Quando a gente leu foi muito legal! Eles acharam o máximo! Sabe quando a criança se vê representada? Muita coisa que faz sentido, a trança, alguns movimentos, algumas situações da história (Barros, 2022).

A narrativa revela que “outras histórias” mobilizam as crianças. Desafiam a pensar sobre outras culturas. O caso da chapeuzinho vermelho com tranças, segundo a professora, é um elemento que se presentifica na sala especialmente por meio de uma estudante negra que usa muito o penteado com tranças. Com essas abordagens, as crianças começaram a ampliar suas opções na escolha de livros, e mesmo tendo finalizado o projeto, o movimento continua, e fazem a opção também por livros com personagens negros e negras.

Ressaltamos que na área da Educação Infantil na escola pesquisada, o trabalho é planejado coletivamente, com a participação das docentes regentes e as professoras que exercem suas atividades na brinquedoteca e no espaço cultural. Dessa forma, é possível um maior alinhamento amplificando sempre os conteúdos trabalhados no espaço da regência com brinquedoteca e espaço cultural. Esperança Garcia comenta a respeito:

É muito interessante, porque nos reunimos para planejar, toda semana a equipe dos primeiros e segundos períodos, a professora do espaço cultural, da brinquedoteca e vamos alinhando o planejamento, porque o nosso currículo é construído nas relações também, ele é vivo, as crianças trazendo sugestões. Quantas ideias,

quantas referências bacanas, quantas propostas surgiam no planejamento contemplando propostas de atividades sobre o antirracismo, a inclusão, o pertencimento das crianças nessa diversidade (Esperança Garcia, 2022).

Fica evidenciado nos dizeres da docente que o trabalho coletivo é um princípio da área, cuja dinâmica contempla o protagonismo das crianças e, mediante as relações, torna o currículo vivo por intermédio das sugestões dos estudantes, conquanto nas demais narrativas das professoras a percepção é que as atividades que se ocupam da temática étnico-racial ficou concentrada na docente que desenvolve seu trabalho no espaço cultural.

No trecho a seguir, Aqualtune (2022) diz: “Na Educação Infantil desde que entramos na escola, fazemos um trabalho com a questão da identidade, com a criança. Ela se reconhecer no grupo, o respeito às diferenças”. Esta fala carrega as ideias eurocêntricas que posicionam sua cultura como sendo o modelo, e nesse sentido o que não corresponde a este padrão é o “diferente”. Identificamos que as formações foram importantes para docente, como se evidencia em outras narrativas da professora, no entanto, há ainda um percurso que precisa ser transposto no caminho da efetivação de uma educação antirracista.

Observamos que o espaço coletivo ocupado por todas as docentes fomentou e trouxe muitas propostas e sugestões no que se refere às questões étnico-raciais: “[...] não vou dizer toda semana, mas sempre tinha atividades que contemplavam a diversidade, seja com jogos, com histórias”. Assim, Esperança Garcia, relata o trabalho desenvolvido e, apesar da docente não permanecer no próximo ano no *Espaço Cultural*, ela sinaliza que auxiliará a professora que ocupará este espaço a desenvolver a temática e já aponta que está cheia de ideias:

É muito emocionante! Eu não vou continuar no espaço cultural, vou ficar no primeiro período, mas a professora [...] vai continuar a desenvolver o trabalho, vamos estar juntinhas porque eu sou apaixonada pelo espaço e já estamos com algumas ideias (Esperança Garcia, 2022).

Parcerias e propostas conjuntas de trabalho fortalecem o currículo e aumentam a abrangência das ações, o que é demonstrado quando a docente Esperança Garcia, antes de assumir uma turma específica, compartilhou sobre a dinâmica realizada por ela no *Espaço Cultural*. A professora descreveu com riqueza de detalhes as ações desenvolvidas, desde a sensibilização ao tema com as crianças até a concretização das propostas.

Sempre temos esse cuidado de conhecer o espaço e, junto com as crianças, pensar possibilidades do uso desse espaço. A que se propõe o espaço cultural? Então nós começamos fazer propostas de atividades, pensar com as crianças nas rodas de conversa. Assim, o que é cultura? O que significa cultura? E eles trouxeram muitas ideias. Foram chuvas de ideias! (Esperança Garcia, 2022).

Com estas palavras, a docente manifesta sua concepção de escola enquanto espaço de possibilidades, aproximando-se da proposta de Candau (2012), que propõe “reinventar” a escola e a educação em geral, seus espaços, tempos, organização e dinâmicas, enfim, o currículo. Afinal, a escola é caracterizada pelo cruzamento de

culturas. Esperança Garcia ainda continuou: “Acho que a escola é um local privilegiado para que as crianças tenham essa possibilidade de ter acesso a diferentes manifestações culturais”. Sendo assim, no primeiro semestre foram colocados em contato com repertórios culturais que perpassavam suas histórias. Segundo a docente,

[...] no primeiro semestre, as atividades propostas eram que as crianças entrassem em contato com o repertório cultural construído pela humanidade, entrando em contato com diferentes linguagens, tanto na música, no teatro, na poesia... “N” manifestações culturais (Esperança Garcia, 2022).

Durante a fala da professora, foi visível a emoção ao se lembrar das práticas que conseguiu realizar com as crianças e como suas ações ecoaram no cotidiano dos/as estudantes, e os/as inseriu no lugar de autores/as do seu processo de apropriação do saber. Em uma atividade realizada com as crianças, sobre a Festa Junina, a professora apresentou um vinil com a foto do Luiz Gonzaga e foi instigando as crianças a exporem seus saberes. À medida que iam trazendo suas contribuições, a professora percebeu as intersecções com o currículo – cabe pontuar que o currículo da Educação Infantil é permeado pelo diálogo com as crianças. Para sensibilizá-las um pouco mais, a professora apresentou uma sanfona, que é uma característica marcante nas músicas desse cantor, e propiciou que os/as estudantes ouvissem a música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga; algumas crianças de imediato entenderam que se tratava de forró.

A docente relatou que foi muito incentivada por tia Ciata, uma docente da mesma área que atuou muito tempo no *Espaço Cultural*. Esperança Garcia teve a oportunidade de trabalhar com as oito turmas da Educação Infantil e, ao mesmo tempo que se sentia incentivada, o sentimento de apreensão permanecia. Todavia, as turmas participaram ativamente das ações e o trabalho se tornou bem mais fluido.

Esta ação ocorreu no 1º semestre de 2022 e, logo após as férias, no 2º semestre do mesmo ano, continuou com a exploração das diversas culturas; porém, inspirada pelo projeto, elegeu algumas estratégias para introduzir o samba. A professora iniciou construindo com as crianças o conceito de “cultura” que eles/elas haviam trabalhado no primeiro semestre de 2022, inclusive debateu com as crianças sobre “repertório cultural”, uma vez que toda família tem uma história. Dando sequência à temática, realizou uma atividade que introduziu a temática da cultura popular e convidou as famílias a compartilharem algo que faz parte do repertório cultural de sua família.

De 120 famílias, aproximadamente 100 participaram. Algumas famílias de início ficaram reticentes, no entanto, decidiram por participar e, ao final da atividade, relataram a professora a alegria em ter participado. Era notório que as crianças se sentiam empoderadas ao ver suas famílias em sua sala de aula. Essa dinâmica foi realizada de setembro de 2022 a dezembro do mesmo ano.

Paralelamente a esta ação, após a retomada do termo cultura com as crianças, a docente apontou o novo gênero musical a ser trabalhado naquele semestre, “o samba”. Algumas crianças já conheciam e fizeram referência a familiares que apreciam o samba, outros estudantes não conheciam. Dessa forma, eles/elas tiveram acesso a informações sobre o carnaval e os instrumentos utilizados no samba.

A partir desta socialização, as crianças começaram a se identificar, uma vez que conheceram alguns instrumentos na ocasião da exposição do acervo antirracista. Outro momento destacado foi a apresentação de imagens de sambistas e compositores de samba. Foi oportunizado aos estudantes conhecerem a respeito de artistas com diferentes características, e as crianças iam se reconhecendo em alguns artistas.

Mediante as informações socializadas teve início um diálogo sobre a história dos compositores em linhas gerais, e entre eles surgiu o Arlindo Cruz e Bira do grupo Fundo de Quintal, já falecido.

Com a questão dos compositores eu lembro que conhecemos o Bira do Fundo de Quintal, já falecido, quando a gente estava estudando a história dos compositores, nada muito aprofundado, mas é importante sabermos quem é, de onde veio, a história da pessoa. Então alinhavado ao conhecimento com os instrumentos, vimos que o Bira criou um instrumento da caixinha de fósforo como instrumento de percussão. Nesse meio tempo, eles brincando de bater na caixinha de fósforo eles falaram, “...a gente pode ser compositor também”. Nós podemos ser compositores! (Esperança Garcia, 2022).

Diante das crianças, ela começou a contar sobre as inspirações dos sambistas que se orientavam com suas histórias de vida ou situações, lugares e mesmo objetos que faziam parte de sua história, e lançou a eles/elas o questionamento sobre o tema do samba.

Frente ao desafio apresentado pelas crianças, a docente buscou alternativas, dado que não possui formação musical. No entanto, o trabalho de composição já estava em andamento nas turmas. Cada uma trouxe uma temática, sempre com contribuições de toda a turma, até a finalização da escrita. O caminho escolhido pela professora para a musicalização das produções autorais das crianças foi recorrer a um professor de dança com muito conhecimento no meio artístico, para colocá-la em contato com um profissional que pudesse auxiliar as turmas a transformarem suas falas em samba.

Foi, então, que a professora, já em contato com um sambista da escola de samba Águia de Ouro, da cidade de São Paulo, Danilo Correia, concluiu a segunda parte; ao final foram convidados os pais músicos das salas para a apresentação do resultado. As crianças participaram ativamente e foram utilizados instrumentos que fazem parte do samba. Para além da musicalização, ficaram registradas as letras de cada samba.

O resultado corporifica uma educação que propiciou a autoria e o protagonismo dos/as estudantes, estimulou o processo criativo, mediou as interações interpessoais, e envolveu as famílias como partes do processo de desenvolvimento cognitivo dos/as estudantes. Com estas ações a professora Esperança Garcia, segundo ela, foi sensibilizada pelas formações,

[...] essas propostas, de diálogos com as famílias... Eu tenho certeza que foi sim parte do que eu vivenciei na formação. Esse desejo de ouvir, de perceber, de valorizar o que o outro traz, de respeitar. [...] esta é uma das marcas que o projeto deixou na minha formação, nos meus saberes e nas minhas práticas [...] (Esperança Garcia, 2022).

Por meio desta narrativa, a professora Esperança Garcia verbaliza o quanto internalizou a temática étnico-racial e acrescentou inúmeros saberes que repercutiram em suas práticas, que mobilizou estudantes e familiares. A seguir, finalizamos o artigo registrando algumas considerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar as reflexões sobre o Projeto e seus efeitos na formação das professoras, reiteramos, por meio das narrativas das participantes, o desconhecimento, até então, do uso de algumas palavras com cunho racista. Esta observação foi feita por maioria das docentes, que inclusive manifestaram a preocupação de se colocarem atentas ao vocabulário que corrobore com o racismo.

O acompanhamento do Projeto nos permite afirmar que a temática do racismo e antirracismo deve estar sempre presente, se atentando para o “como” se trabalhar a temática. Concordamos com Gomes (2016) ao afirmar que as narrativas do currículo contam histórias coloniais, o Projeto desenvolvido buscou transgredir esse currículo e trazer outras histórias. A autora ressalta que o currículo não é só o oficial. Ele é dinâmico e vivo. Portanto, há lugar para o conflito.

O ideal de uma educação antirracista há um tempo parecia situar-se em um horizonte bem distante, porém, hoje com vinte anos da Lei nº 10.639/2003 este horizonte se apresenta mais próximo. Entendemos que ainda não foi alcançado de fato a educação antirracista que se almeja na escola, no entanto o caminho está sendo trilhado, a porta já foi aberta e não há com o voltar, cabe então a comunidade escolar abraçar o desafio.

O estudo realizado revelou a importância do trabalho coletivo, na troca de saberes para contribuir para uma educação antirracista. Ressaltamos que o Projeto foi um pontapé inicial, pois desconstruir o racismo é tarefa complexa e precisa ser realizada cotidianamente. Um dos caminhos possíveis é reforçar o protagonismo de autoras e autores negras e negros no cotidiano das aulas, a representatividade positiva precisa ser performatizada.

REFERÊNCIAS

- CANAU, V. M. (org.) *Didática crítica intercultural: aproximações*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CUNHA, I. Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*, [s. l.], v. 24, n. 2, 1997.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, [s. l.], Ano 10, n. 172, 2002.
- GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002.
- GOMES, N. L. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GROSFUGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.
- IBGE. *Porcentagem de pretos e pardos em 2021*. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/0>. Acesso em: 10 out. 2022.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MUNANGA, K. As facetas de um racismo silencioso. In: SCHWARCZ, L. M.; QUEIRÓS, R. S. (org.) *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp, 1996.
- MUNANGA, K. *Superando o Racismo na Escola*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, 2021.

NEVES, G. *Educar para a Igualdade: combatendo o racismo na educação*. Projeto Difusão Afro-cultural na educação/Centro Nacional de Estudos e de Políticas de Igualdade na Educação – Cenafro. 2008.

PORTELLI, A. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

QUIJANO, A. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*, n. 19, v. 55, 2005.

SANTOS, N. F. *Entre saberes e fazeres docentes: o ensino das relações étnico-raciais no cotidiano escolar*. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Autor correspondente:

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Santa Mônica, Uberlândia/MG, Brasil. CEP 38408-100

silvajunior_af@yahoo.com.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

